

História em cenas: a memória como recortes visuais em Paranã-To **History in scenes: memory as visual clippings in Paranã-To**

Wesley Domingos Francisco de Souza
Professor de Educação Básica – SEMED/Paranã
Tocantins-Brasil

Fernando Maciel Vieira
Professor de Educação Básica – SEMED/Paranã
Tocantins-Brasil

Resumo

Instigados pela experiência na Disciplina de Ciências Sociais no decorrer do Curso de Formação da Escola da Escola da Terra, fomos questionados sobre conceitos de Memória e História no contexto local. Foi diante desse desafio de reflexão que surgiu o desejo de pesquisar e escrever sobre essa inquietação e diante dessa temática propomos discorrer sobre nossa pesquisa buscando nossas conclusões. Nesse sentido, narramos este trabalho com a linguagem escrita e a linguagem visual. Para tanto, inspiramo-nos em alguns autores, tais como ALMEIDA (2012); BENJAMIN (1987); NORA (2003) dentre outros. Mesmo que a História e Memória ainda possam ser consideradas como categorias conceituais intrinsecamente próximas, elas são diferentes e têm dimensões distintas, mas procedem da Cultura. Quem vem fundamentando essa forma teórica é Pierre Nora, que apresenta ambas como componentes importantes do saber histórico-culturais.

Palavras-chave: História; Memória; Recortes Visuais; Paranã.

Abstract

Instigated by the experience in the Discipline of Social Sciences during the Training Course of Escola da Terra School, we were asked about concepts of Memory and History in the local context. It was in the face of this challenge of reflection that the desire to research and write about this concern arose, and in view of this theme, we propose to discuss our research and seek our conclusions. In this sense, we narrate this work with both written and visual language. For that, we got inspired in some authors, such as ALMEIDA (2012); BENJAMIN (1987); NORA (2003) among others. Even though History and Memory can still be considered as conceptual categories intrinsically close, they are different and have different dimensions, but they come from Culture. Who has been supporting this theoretical form is Pierre Nora, who presents both as important components of cultural historical knowledge.

Keywords: History; Memory; Visual clippings; Paranã.

Introdução

- **O diálogo da Memória e a História**

Instigados pela experiência na Disciplina de Ciências Sociais no decorrer do Curso de Formação da Escola da Terra, fomos questionados sobre conceitos de memória e história no contexto local. Foi diante desse desafio de reflexão que surgiu o desejo de pesquisar e escrever sobre essa inquietação e, diante dessa temática, propusemos discorrer sobre nossa pesquisa buscando nossas conclusões. Queremos narrar este estudo com a linguagem escrita e a linguagem visual.

Mesmo que a História e a Memória, ainda, possam ser consideradas como categorias conceituais intrinsecamente próximas, elas são diferentes e têm dimensões distintas, mas procedem da cultura. Quem vem fundamentando essa forma teórica é Pierre Nora, que apresenta ambas como componentes importantes dos saberes histórico-culturais.

Faz-se necessário compreendermos o conceito de experiência, trazendo à tona as vinculações éticas entre o tema da Memória e as novas modalidades de construção de projetos de identidade, nos quais a Memória projeta-se como força propulsora para a construção de sentidos de continuidade da vida. Paul Ricoeur (2008) nos conduz, em sua obra, à compreensão da Memória em sua fenomenologia, por meio de uma reflexão sobre excessos, abusos, silenciamentos, seleções, esquecimento e, especialmente, perdão como uma ação política no presente, perante o mundo e a sociedade. O efeito de sua interpretação nos conduz a compreendermos que saber não é um verbo intransitivo.

Adquirimos consciência de todas as formas de saber por meio de nossa capacidade de lembrar e por nossas atitudes de esquecimento. Andreas Huyssen (2011), na esteira dos teóricos da Escola de Frankfurt, nos convida, em diferentes contextos acadêmicos e produções, a refletir sobre os efeitos de uma Memória traumática no mundo e sobre as implicações na cultura de massas, nas cidades e no campo, revisitando sua presença na arte, na literatura e nas mídias e dimensionando os efeitos sociais dessa.

Não só os efeitos de uma memória traumática se fazem sentir na relação com a vida política, mas também uma "cultura da Memória" que se imbrica, fortemente, com cenas da vida cotidiana na pluralidade do campo e cidade. A multiplicidade de possibilidades de narração nos permite encontrar novas miradas para outros sujeitos e outras Memórias para além daquelas que nos foram possíveis aprender por meio dos discursos oficiais.

A escola, e especialmente o ensino de História e Geografia como campo de saber onde tais questões normalmente são atribuídas como de sua responsabilidade, é profundamente afetada pelos efeitos desse debate. Por um lado, a escola convive com uma

profusão de narrativas produzidas no seu entorno, por parte de alunos, professores e comunidade, aquelas que são trazidas, com muita força, para o interior da sala de aula e revelam formas de explicar o mundo através daquilo que faz sentido para os sujeitos.

Por outro lado, a escola convive com a reprodução de práticas de Memória comuns à sociedade (JEDLOWSKI, 2010) e que conduzem à permanência, no senso comum, de uma dada lógica de representação do passado. Há, ainda, os mecanismos de atualização de costumes ou comemorações de eventos que reforçam os laços de pertencimento no interior de um grupo ou sociedade, o que, muitas vezes, é desencadeado pela própria escola. Enfim, a escola é um lugar potencialmente atravessado por Memórias.

Então, se História e Memória não são sinônimos, o que é "História" e o que é "Memória"? Em que elas diferem e o que as aproxima? Uma prescinde da outra para existir? Essa confusão entre os dois campos de saber acontece quando esquecemos que a Memória é um processo profundamente ligado à construção de sentido ou, como o próprio Manuel Salgado Guimarães assevera, a Memória nos fala de "certezas do sagrado e imutável" (2009, p. 43), ao passo que a História não passa pela identificação, ela se constitui enquanto operações destinadas à análise do passado, aberta às dúvidas, crítica, fatos e apreciação científica.

Algumas pesquisas recentes no campo do ensino de História têm explorado a importância da discussão da Memória para a formação dos alunos quanto a sua compreensão de tempo e espaço, assim como sua localização e construção de sentido. Essa perspectiva, contudo, requer um novo olhar para a Memória, não mais como espelho fiel do passado pronto para ser recuperado, mas como objeto de um tempo presente “[...] porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam, ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções” (NORA, 1993, p. 9).

Assim, quando o saber histórico escolar, mobilizado pela discussão procedimental da História e das operações de Memória, possibilita um novo olhar sobre o passado e sobre a História, ele se torna capaz de conferir ao aluno um lugar de protagonismo imprescindível à construção de empatia histórica. Do contrário, quando essa relação com as práticas de Memória é rompida, ou silenciada, o conhecimento histórico é capaz de afastar o aluno da composição da mesma. Isso significa dizer que o ensino de História constitui-se como campo aberto a todo tipo de reflexão acerca da construção de identidade dos alunos, bem como de todas as outras possíveis histórias.

Este artigo destaca a História local em diálogo com as memórias por meio de recortes visuais em cenas do cotidiano, as vivências, as resistências de um determinado

grupo e/ou as manifestações intangíveis em suas produções de sentidos e significados coletivos.

- **Identidade local**

A Identidade Cultural é um conceito aplicado nas áreas da sociologia e antropologia, que indica a cultura em que o indivíduo está inserido, ou seja, a que ele compartilha com outros membros do grupo, sejam tradições, crenças, preferências. Determinados fatores de identidade são decisivos para que um grupo faça parte de tal cultura, por exemplo, a história, o local, a raça, a etnia, o idioma e a crença religiosa. Com esse olhar, a história como memória se faz muito presente no cotidiano representadas pela arte visual como manifestação cultural no município de Paranã-TO.

Embora os sistemas e os símbolos evidenciem formas de padrões, as culturas populares se mantêm para demonstrar suas verdades, identificadas pela identidade cultural. Dessa maneira, precisamos compreender as representações sociais, inseridas no universo do imaginário social. Dentro da realidade de identidade cultural, devemos pensar a identidade e a cultura camponesa e os saberes do campo que são marcados como “atrasados” pela literatura e outras formas de conhecimentos formais, os saberes populares são desprezados, produzindo assim a morte dessa cultura e identidade, tão importante para povos do campo.

- **História em cena: cultura local**

Quando pensamos em cultura, duas imagens nos vêm à mente: a da produção cultural material (como livros, filmes, artesanato) e a que nos identifica como grupo de pessoas com valores compartilhados. A cultura interage com uma série de outros elementos que não são apenas materiais, mas fazem parte da vivência humana. O modo de produção também é parte dos elementos que se relacionam com a cultura. Para Hanningan (*apud* CORRÊA; ROSENDHAL, 2010, p. 9) “a cultura torna-se, mais e mais, objeto de consumo”, assim, produção cultural e construções identitárias tornam-se objeto econômico. Ao mesmo tempo em que a cultura, de forma geral, é apropriada pelo modo de produção global, transformando e subvertendo a produção cultural e as identidades locais, ela também é forma de resistência, às vezes romantizada, mas muitas vezes pragmatizada em ações de grupos locais.

Atualmente, o que estamos chamando de uma cultura local tem sido atacado pela homogeneização através da globalização e, a modernidade tem exercido papel fundamental nesse processo. Elementos da cultura produzidos nas escalas micro, relacionados a grupos não hegemônicos têm sido substituídos por elementos da cultura global, uma cultura de

massa, hegemônica, dispersa no território, principalmente, através de um aparelho ideológico das elites e da grande mídia, que, por sua vez, é controlada pelas elites nacionais (e internacionais).

Paul Claval escreve que não somente o material influencia no território, mas também o que é símbolo. Ele expõe que a forma como ação do homem transforma o espaço, ao mesmo tempo o faz criar sua identidade a partir do seu território, levando-o então a negar a alienação e tornar-se consciente do espaço que ocupa e, assim, “a Identidade aparece como uma construção cultural.” (CLAVAL, 1996, p. 15).

Este trabalho tem por objetivo discutir sobre a cultura local na cidade de Paranã-TO principalmente e sobre os elementos da atualidade com que ela se relaciona, fazendo uma reflexão da inter-relação entre meio e construção cultural, bem como a construção de identidade local. Também pretendemos discutir a economia cultural, além das formas como ela atua na construção da identidade local de Paranã-TO, a partir das espacialidades representadas em manifestações como artes visuais e a simbologia da cultura.

Considerando o urbano, a perspectiva cultural inclui, entre outros, o estudo das relações entre toponímia e identidade, o estudo da cidade enquanto produção de formas simbólicas, e a interpretação da paisagem urbana. Marca e matriz social, a paisagem urbana pode ser vista por intermédio de tipos ideais, como meio de comunicação identitária como forma associada à contestação e e como meio de ocultar as relações sociais (CORRÊA; ROSENDAHL, 2003, p.15).

Nesse sentido, Corrêa e Rosendahl (2003) veem a paisagem cultural como comunicação e como meio de ocultar a relação entre as pessoas e a forma de expor o que se é ou o que se deseja ser, com as necessidades que exigem modificação nela e que transmitem a identidade da cidade e recriam a cultura do lugar.

- **Recortes visuais em Paranã-TO**

Na visão de Fassina (2007, p.1), “desde os primórdios o homem é encantado pela imagem”. Esse autor também afirma que “inúmeros pesquisadores buscaram responder questões sobre a captação, formação e reprodução da imagem”. De acordo com pesquisa na enciclopédia Barsa (2001, p. 303) “no começo do século XX, o poeta e pensador indiano Rabinchanath Togore concebeu um amplo e flexível sistema de educação”. Além disso, afirma que “nele, a atividade artística era encarada como fator indispensável ao desenvolvimento harmônico de todos os aspectos da personalidade da criança”. Teve também grande importância no século XX, o movimento cultural da educação pela arte, cuja

meta era fazer interagir o processo criador nas escolas de todos os níveis, tomando como ponto de vista programático a valorização da arte no processo educacional.

Ainda mencionando pesquisa enciclopédica, percebe-se que “entre os expoentes da educação pela arte incluíram-se Herbert Read, Arno Stern, Pierre Duquet e, no Brasil, o pintor e educador Augusto Rodrigues” e, que “Este último fundou a Escolinha de Arte do Brasil em 1948, pioneiro no campo da educação artística. O trabalho ali realizado com crianças foi fundamental para dar uma visão da importância da arte na formação do indivíduo”. Assim, é interessante discutirmos a relevância que a arte tem para o homem, que observemos os caminhos percorridos ao longo da história da humanidade, as expressões que marcam a existência do mesmo através da Arte Visual.

Sendo assim, afirma Teixeira (2005, p. 6) que “a Arte e a Educação têm objetivos comuns no que diz respeito à formação do indivíduo como ser pensante, crítico, consciente e independente”. O autor ainda diz que “desde as primeiras culturas, o ser humano surge dotado de um dom singular: mais do que um ser fazedor, o homem é um ser formador”.

Além disso, para Teixeira (2005, p. 6), “por meio da pesquisa, do pensar, do criar, a Arte-Educação estabelecerá uma visão sobre seu aprendizado; o sentido da arte confundido com o próprio sentido da vida”. O autor ainda conceitua que “a Arte é importante na escola principalmente porque é importante fora dela. Por ser um conhecimento construído pelo homem no curso do tempo, tornou-se um patrimônio cultural da humanidade”.

A propósito, afirma Teixeira (2005, p. 6) que “todos os brasileiros e brasileiras têm garantida pela Constituição o direito de, por meio da Arte, contemplar sua própria cultura e a dos outros”. Ressalta Teixeira (2005, p. 6) que “segundo os PCNS, o ensino e a aprendizagem da Arte sempre estiveram de acordo com os valores e as normas estabelecidas em cada ambiente cultural”.

“Muitas hipóteses foram levantadas, mas as perguntas ainda são as mesmas: como a imagem se forma na mente? Qual o percurso ocorrido entre o olhar e a representação mental do objeto contemplado? Como o desenho se constrói na mente?” (FASSINA, 2007, p. 1). Então, são questões que instigam uma busca de aproximação a uma compreensão do universo visual no qual o homem está inserido.

Na visão de Teixeira (2005, p. 7), “as Artes Visuais, além das formas tradicionais – pintura, desenho, gravura, arquitetura, artefato, desenho industrial –, incluem outras modalidades resultantes dos avanços tecnológicos e das transformações estéticas que surgiram a partir da modernidade”. Além disso:

O mundo atual caracteriza-se por uma utilização da visualidade em quantidades inigualáveis na história, criando um universo de exposição múltipla para os seres humanos, o que gera a necessidade de uma educação que os leve a perceber e distinguir sentimentos, sensações, ideias e qualidades. Tal aprendizagem pode favorecer compreensões mais amplas para que o aluno desenvolva sua sensibilidade, afetividade, seus conceitos e posicionamento crítico. (TEIXEIRA, 2005, p. 7)

Também para Eisner (apud RIBEIRO, 2009, p. 62), “refinar os sentidos e alargar a imaginação é o trabalho que a arte faz para potencializar a cognição, processo pelo qual o organismo se torna consciente de seu meio ambiente”. De acordo com Ribeiro (2009, p.87) “a aceitação da arte como forma de conhecimento humano nas suas mais variadas linguagens se deu em razão de sua identidade com o amplo espectro da ação humana”.

Assim, conceitua Ribeiro (2009, p. 87) que “sua inserção no sistema educacional brasileiro ocorreu a partir da segunda metade do século XX, onde há registro da presença de escolas especializadas com objetivos de ensinar às crianças e aos adolescentes, as mais variadas modalidades artísticas”. Também, afirma Ribeiro (2009, p. 344) que “o namoro entre a literatura e as artes plásticas não está apenas na admiração mútua entre artistas ou na inspiração que uma das artes possa provocar na outra”.

A propósito, para Ribeiro (2009, p. 344), “algumas experiências artísticas tiveram traduções nas artes plásticas e na poesia ou romance (simbolismo, cubismo, surrealismo...)”. Para o autor, “porém, independentemente das escolas, é interessante perceber as possibilidades que se abrem para a escrita ao se amparar no olhar agudo de um artista plástico”. Pois pelo fato de um conhecimento sistemático da Arte Visual e sua relevância para o desenvolvimento da criança.

Portanto, as Artes Visuais têm suas contribuições no meio educacional e social, pois estão ligadas ao desenvolvimento e à aprendizagem dos alunos, visto que propiciam uma gama de conhecimentos sistemáticos e também assistemáticos na formação escolar e social do indivíduo.

A Arte Visual é parte fundamental no Componente Curricular de Artes. Por meio dela, poderíamos ousar e dizer que formam os demais eixos dessa disciplina. Ela traz cores e “vida” ao currículo escolar, porque produz, juntamente com as demais, o prazer em aprender pela criação com o uso da visualidade. Nesse sentido, estudar Artes Visuais na escola traz desejos, quiçá, ainda adormecidos no estudante. Por meio dela, eles compreendem e se sentem mais próximos do mundo visual em que vivemos. Para tanto, é preciso um olhar mais sensível à arte na escola, uma vez que é na sala de aula que surgem muitos talentos artísticos.

Considerando que a escola é o espaço de desenvolvimento do indivíduo em situações bem mais elaboradas que o senso comum, é o pilar para esse olhar identitário de evidente relevância científica e sociocultural, a Arte está presente em nosso cotidiano. Em se tratando de Artes Visuais, existe difusão para que a apreciemos com mais atenção e consciência. Nesse sentido, a escola é o ponto de partida para essa realização e empoderamento, valendo-se também do espaço urbano o como espaço de identidade artística.

A história dialogada em cenas do cotidiano são representações simbólicas de um passado, mas com um entrelaçamento vivo, presente, capaz de acender os significados por meio da visualidade diante as experiências construídas pelo homem em sua formação histórica. Nesse sentido, ilustrar em recortes de memórias traz sentido existencial para a realidade de um povo.



Pintura em tela: “A criada” (2014) Wesley Domingos Francisco de Souza

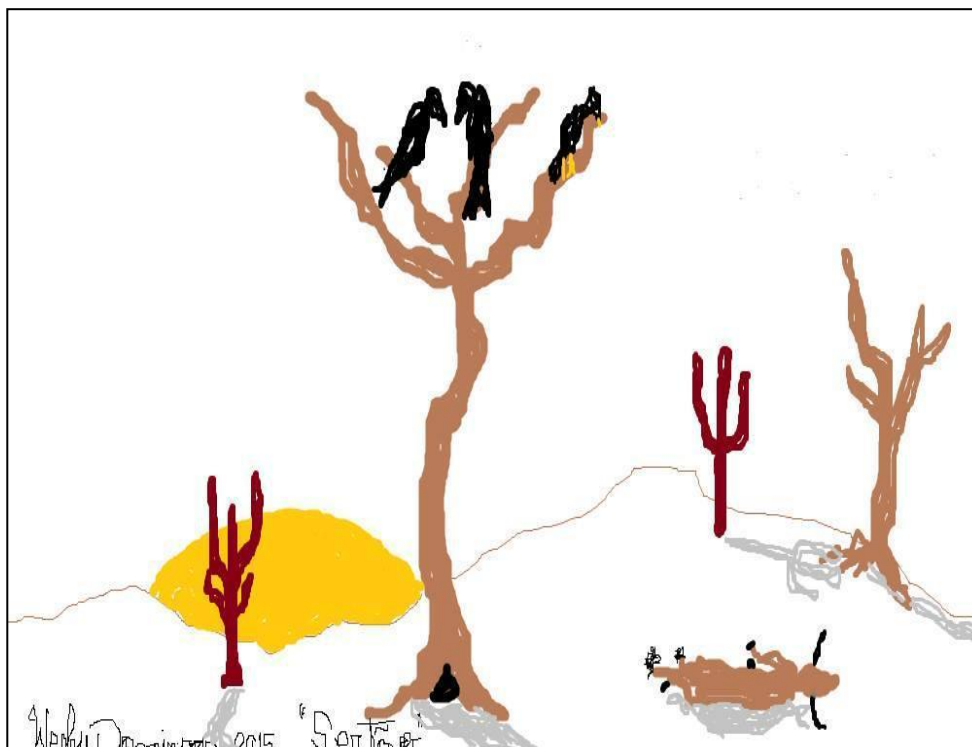
Partindo dessa premissa, é acender o brio do valor à produção artística cultural das capacidades autodidatas, em que a memória pode ser transmitida com singularidade, mesmo em sua ação coletiva. Além disso, para Sans (2001 *apud* MACHADO *et al.*, 2008, p. 3) “desde o começo da humanidade o ser humano era e é um ser criativo, nascendo com essa habilidade, a qual pode ser desenvolvida através do meio em que vive [...]”, ao desenvolver a pintura na realidade do campo, onde o cotidiano do trabalho é constante, encenar as particularidades presentes na vida de determinada comunidade. Pensando nisso, trouxemos as imagens que demonstram essa existencialidade. É dessa maneira que podemos aproximar as práticas do dia a dia com a utilização da representação artística, sendo ela uma cultura imaterial apoiada nas memórias.



Pintura em tela: “Três Portos” (2014) Wesley Domingos Francisco de Souza



Pintura em tela: “Resistência” (2015) Wesley Domingos Francisco de Souza



Desenho no Paint: “Sertão” (2015) Wesley Domingos Francisco de Souza



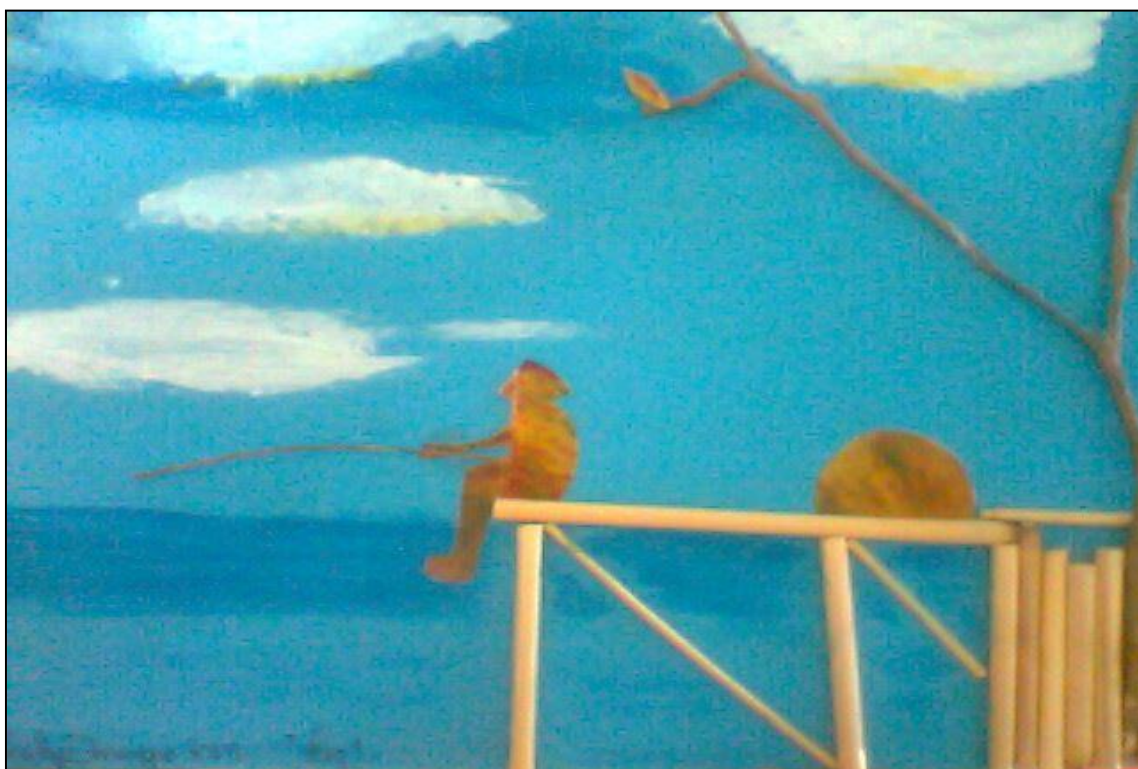
Pintura e colagem de tecidos em papel cartão: “Lavadeira” (2015)



**Colagem com matérias de descarte natural – jatobá em palha de coqueiro. “Seresteiro”
(2015) Wesley Domingos Francisco de Souza**

Ao pensarmos a memória e seus enraizamentos, pensamos o homem como sujeito criativo que se apresenta e se comunica por meio da visualidade. Essa surge e desencadeia sentimento de pertença ao seu grupo e assim fortalece e/ou instiga o empoderamento cultural em sua comunidade.

O cerrado apresenta uma grande variedade de recursos naturais, recursos esses que podem em seu descarte natural ser mais bem aproveitados pelas comunidades locais, tanto para a produção artesanal quanto para a produção artística visual, valorizando-se os recursos naturais disponíveis. Nessa perspectiva, enfatiza Mourão (2011, p. 46) que “o Cerrado brasileiro possui uma imensa riqueza em espécies vegetais”. Atualmente, conforme Ávidos e Ferreira (2003 *apud* Mourão, 2011, p. 46), “existem mais de 58 espécies de frutas nativas dos cerrados conhecidas e consumidas pela população” e, muitas sementes dessas frutas são usadas para produção artística visual, artesanal e de também biojóias. Mourão (2011, p.46) pontua que “a espécie Buriti se destaca entre as espécies mais utilizadas tanto no Cerrado como em outros biomas brasileiros”. Com isso, ao destacarmos essas manifestações como parte da história local, possibilitamos um olhar atento a elas, sejam dotadas de resistências ou de poder.



Pintura e colagem com materias de descarte natural – Disciplina de Metodologia de Artes, UFT. Pintura e colagem de tecidos, UFT.



Pintura em papel cartão. “A Matriz” (2005) Wesley domingos Francisco de Souza

- **Procedimentos Metodológicos**

O uso de imagens se fez parte central de aproximação de análise da história local em diálogo com a memória por meio da cultura. Para aproximarmos essa tríade movida pelas discussões realizadas durante a experiência na Disciplina de Ciências Sociais do Curso de Aperfeiçoamento Escola da Terra e também de autores renomados dessas referidas áreas do conhecimento. Esta pesquisa qualitativa nos trouxe resultados que mostram a real existencialidade da cultura imaterial empoderada na vivência e expressividade estética reproduzida pela memória.

- **Considerações finais**

Procuramos, através deste trabalho, destacar a Memória em diálogo com a História e a linguagem estética pautada nas Artes Visuais. Vale esclarecermos que nos apropriamos de concepções de outros autores como suportes de aproximação para a nossa ideia. Além disso, foi-nos possível analisar, por meio e após as discussões durante a Disciplina de Ciências Sociais do Curso de Aperfeiçoamento Escola da Terra, que a história local é empoderada de identidade e cultura, uma vez que a Memória se faz presente a todo o momento, por ser coletiva.

Nesse sentido, dialogamos em cenas do cotidiano, onde a Arte Visual tem papel fundamental nessa comunicação e, por meio dela a História Local pode ser estudada, compreendida e valorizada.

- **REFERÊNCIAS**

ALMEIDA, Fabiana Rodrigues. ***História e memória nos limites do (in)visível: reflexões do saber histórico escolar nos livros didáticos de história***. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2012.

BARSA, ***Nova Enciclopédia***. São Paulo: Barsa Consultoria. Editorial Ltda. 2001. 506p.

BENJAMIN, Walter. ***A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica***. In: _____. ***Obras escolhidas***. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BITTENCOURT, Circe. **O saber histórico em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1997.

BURKE, Peter. **História como memória social**. In: _____. *Variedades de história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CLAVAL, Paul. **O território na Transição da Pós- Modernidade** in: Revista geographies et cultures, n.20,p.11, 1996

CORREA, Roberto Lobato. **Região e organização espacial**. São Paulo: Ed. Ática, 1986.
_____, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Economia, Cultura e Espaço**. Rio de Janeiro: Ed.UERJ, 2010.

_____, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2003.

GUIMARÃES, Manuel Luiz Salgado. **Escrita da história e ensino da história: tensões e paradoxos**. In: ROCHA, Helenice *et al.* *A escrita da história escolar: memória e historiografia*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2009.

MACHADO, I. H.; SILVA, A. F.; SCHULTZ, C. **A arte-Educação no Cotidiano Escolar**. 2008. Disponível em: <http://www.pucpr.br/qeventos/educere2008/anais/pdf/548_640.pdf>
Acesso em: 25 de abril de 2018.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. *Revista Projeto História*, São Paulo: PUC, 1993.

SILVA, Sônia Maria Meneses. **Sob o fardo do presente: mídia, memória e esquecimento questões para pensar a história na contemporaneidade**. *Dossiê História e Memória*, v. 6, n. 7, julho/2009.

RIBEIRO, José Mauro Barbosa. **Trajetória e políticas públicas para o ensino das artes no Brasil: Anais do XV Confoeb**. Brasília: MEC, 2009. 357p.

TEIXEIRA, Kenia Fregerlia. **A arte e a inclusão escolar do aluno com síndrome de Down**. V. 4. n.1, Sombrio: RIC. 2005. 10p. Disponível em: <http://periodicos.unesc.net/index.php/iniciacaoacientifica/article/view/53/66>.

TURNER, Jonathan H. **Sociologia Conceitos e Aplicações**. São Paulo: Ed Markon. p.46.

_____. **Práticas de memória e educação da sensibilidade histórica: horizontes teóricos em uma zona de fronteira**. In: YAZBECK, D. C. de M.; SARMENTO, D. C. *Escola e sistema de ensino: memória, gestão e saberes*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2009.

SOBRE OS AUTORES:

Wesley Domingos Francisco de Souza

Especialista em Docência para a Educação Profissional e Tecnológica - Docente EPT - IFGO, 2020/2º. Especialista em Metodologia do Ensino de Artes pelo Instituto Pedagógico de Minas Gerais (IPEMIG), 2019-2020. Especialista em Educação do Campo: Práticas Pedagógicas pela Universidade Federal do Tocantins (2014-2016). Licenciado em Pedagogia (Habilitação em Magistério das Séries Iniciais do Ensino Fundamental e em Gestão Educacional), pela Fundação e Centro Universitário UNIRG (2006-2010). Professor efetivo pela Prefeitura Municipal de Palmeirópolis -To. SEMED - Secretaria Municipal de Educação - Escola Municipal Elda Silva Barros (2011-2012). Professor pela Prefeitura Municipal de Paranã-To. SEMED-Secretaria Municipal de Educação Básica - Escola Municipal Professora Floracy Bonfim Pereira de Araújo. (2013 até o momento).

E-mail: domingoswesley@bol.com.br
<http://lattes.cnpq.br/7676949168333109>

Fernando Maciel Vieira

Professor de Educação Básica - SEDUC, Paranã, TO. Especialista em Educação do Campo: Práticas Pedagógicas, UFT. Possui graduação em História pela Universidade Estadual de Goiás(2001). Tem experiência na área de Educação.

E-mail: fmnaluz@gmail.com
<http://lattes.cnpq.br/6873378340180653>

Recebido: 06/08/2020
Aceito: 10/09/2020